

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

L. P. Wilkinson — *Horace and his Lyric Poetry*, 1x+f 185 pp.
Cambridge. At the University Press, 1946.

A obra a que vamos referir-nos apareceu pela primeira vez em 1945. Estamos agora em presença de uma segunda edição, que traz a data de 1946, o que parece confirmar, por isso mesmo, os dois qualificativos mais evidentes que podemos atribuir-lhe: — útil e curiosa.

Fazer o desenvolvimento destes dois conceitos críticos é fazer a análise da obra de L. P. Wilkinson, a quem há que manifestar agradecimentos pela seriedade e espírito de autolimitação do seu trabalho, que se afirma plenamente consciente dos objectivos que o autor desde logo lhe marcou.

Prestar homenagem a Horácio, como poeta, no sentido actual da palavra, desfazer algumas ideias erradas e correntes a respeito do homem e do artista, e dar a tudo isto a feição didáctica acessível a estudantes de literaturas clássicas e a quantos podem ler e apreciar escritores latinos, eis as intenções do autor e eis o que nos parece ter* conseguido satisfatoriamente.

Começando por notar quanto o carácter de Horácio era inconsistente, quanto as suas palavras nem sempre representavam os seus pontos de vista e como ele foi mudando com o decorrer dos anos, o autor vai buscar a estes mesmos factos a razão por que o Poeta, sem nunca ter agradado a todos, tem sempre agradado a muitos através dos tempos, e tem satisfeito a uns por aquilo mesmo por que tem desagradado a outros.

Partindo daqui, é fácil ver que a obra do autor não poderia adquirir qualquer timbre de exaltação incompatível com a serenidade crítica, e é também legítimo esperar que o seu trabalho haja sido posto na documentação e confirmação destas ideias.

Para tanto, e por isso mesmo que a obra se destinava a estudantes, o autor não se mostra partidário da frase de Donato, que cita na página vu do seu prefácio: *Pereant qui ante nos nostra dixerunt*. Pelo contrário, a sua obra vale em grande parte por constituir uma síntese crítica e *up to date* de toda a investigação histórica e literária horaciana, e, fazendo embora as suas restrições às opiniões alheias ou acrescentando algumas próprias, mantém em todas elas a serenidade convincente do analista.

Há, no entanto, bem definida e marcada no seu trabalho, uma delimitação que talvez não mereça a plena concordância de todos os seus leitores. L. P. Wilkinson entende que Horácio, como poeta, é quase exclusivamente o autor das Odes e dos Epodos, e não o das Sátiras e Epístolas. Porque o próprio Horácio considerava estas em plano secundário? Não só por isso, mas porque o autor vê nelas muito do conteúdo inerente à prosa e tem do conceito de poesia uma opinião *modernisante*, em relação aos próprios autores clássicos.

Os argumentos em defesa deste seu pensamento são vários e algo satisfatórios, embora possamos admitir um conceito mais largo e hete-

rogéneo de poesia. Não é este, porém, um campo onde se antevejam possibilidades de entendimento perpétuo entre as várias hostes poéticas, nem vamos nós aqui terçar armas por umas ou por outras. Apenas queremos indicar o ponto de vista do autor, que assim delimitou e restringiu o sector das suas reflexões críticas.

Horácio, poeta das Odes e dos Epodos... Para cabal interpretação da sua poesia lírica, assim compreendida, o autor distribuiu a sua matéria por sete bem ordenados capítulos. O primeiro é constituído por uma introdução, a cujo pensamento nos viemos referindo; o segundo fala-nos da vida e obra de Horácio; o terceiro do seu carácter e ideias; e os restantes da sua atitude perante a poesia, da ode horaciana, das possibilidades e dificuldades de tradução da sua obra poética e, em síntese, das vicissitudes da sua poesia no decorrer dos séculos.

Segundo este plano, o autor rememora as datas mais significativas da vida de Horácio, as influências da convivência paterna e da academia de Augusto, as tentativas, coroadas de êxito, da adaptação da poesia lírica de Alceu e de Safo, e da métrica grega às leis peculiares do verso e do génio da língua latina. Igualmente nos indica a maior ou menor repercussão contemporânea das poesias de Horácio, por vezes bem diferente da expectativa do Poeta, para depois passar em revista as impressões e comentários registados até hoje, a respeito das ideias e do carácter horacianos.

Com justeza, L. P. Wilkinson previne-se contra a tendência dos escritores romanos para escreverem em atitudes convencionais. Relembra as circunstâncias da aprendizagem literária latina, os temas de composição desenvolvidos sem intenção de originalidade ou de verdade íntima do escritor, e, por conseguinte, o perigo de tomarmos a poesia latina demasiadamente à letra e dela inferirmos para a vida e opiniões de cada poeta.

É de justiça notar que o autor nos dá a impressão de que não se esqueceu de tudo isto e de que o seu capítulo relativo ao temperamento e opiniões de Horácio lançou os seus alicerces em informações que não são exclusivamente nem primacialmente de natureza poética. Marcado o carácter individualista de Horácio, daí se faz notar como deriva o seu amor da mediania social, que, com o tempo, se acrescenta com a visão relativista dos casos individuais *sub specie aeternitatis* e como da sua natureza particularmente estética nasce um tipo de *humanitas*, que não tem o carácter de universalidade visível em Virgílio, mas quase se limita a uma *urbanitas*, que, embora não circunscrita a atitudes externas, encontra muito do seu prazer na sua manifestação.

Desenvolvendo esta síntese psicológica de Horácio, o autor documenta e explana as opiniões do Poeta referentes à religião, à vida e à morte, à Inoral, ao amor e à amizade, ao campo, ao humor e ao Estado. Nisto, muito do que foi dito até hoje é agora repetido novamente, mas o autor não perde a ocasião de precisar melhor uma ideia, restringir o alcance de uma opinião, alargar o âmbito de outra.

Assim, é-nos apresentado um Horácio céptico da existência real dos deuses, não religioso, no sentido actual da palavra, mas invocador das

divindades, por motivos literários e tradicionalistas, e racionalizador da mitologia greco-latina, segundo a prática comum da Grécia e da Roma do seu tempo. Aceitando o nome de Júpiter para equivalente do de César Augusto, significava com isso todas as limitações que a denominação comportava, mas reclamava para os poetas o poder de immortalizar os homens e elevá-los ao plano dos semideuses.

Crente de que a morte era o ponto final da vida humana, Horácio afasta-se da tendência e do sentir contemporâneos, mas isso mesmo vem encher de desesperança os seus versos, e aquele seu insistente *carpe diem* é menos um programa de vida do que um remédio para os seus males. Isto, porém, não o desinteressava dos problemas do comportamento moral, que apreciava na sua feição prática, influenciado pela convivência paterna, e, no ponto de vista teórico, pelos sistemas helênicos de filosofia, embora o Poeta preferisse moldar por si mesmo a sua própria e individualista filosofia da vida.

O seu sentido da amizade é mais persistente e sensível do que o do amor, o qual, sem nada de romântico ou de idealista, evitava contudo a desumanidade, pela ressonância de reais afeições, juntamente com um fundo de interesse pelas situações psicológicas do amor, literariamente herdado dos escritores greco-romanos de comédias e dos poetas alexandrinos.

Os méritos da vida campestre eram discutidos *ad nauseam* nas escolas de retórica, de modo que, juntamente com as intenções de Augusto e de Mecenas, não era difícil a Horácio ser levado a tratar o mesmo tema, embora o gosto e a plenitude com que o desenvolve traia nitidamente o seu próprio entusiasmo. Acreditava evidentemente na influência que a natureza podia exercer na sensibilidade poética, mas, em vez de admirar somente os lugares belos ou as excelências da cultura agrícola, tinha uma sensibilidade aproximada da dos modernos românticos, quanto aos lugares agrestes e solitários. E isto* afirma-o o autor, em plena consciência de quem sabe o que diz a respeito de um poeta proverbialmente «clássico»...

No que toca às suas ideias em relação ao Estado, L. P. Wilkinson demora-se a comentar as circunstâncias em que Horácio escreveu odes cívicas ou poemas de inspiração patriótica, para concluir que muitas vezes são pura retórica e que o coração do Poeta não estava realmente neles. O seu entusiasmo por Octávio era afinal o complemento do seu horror pela guerra civil, não um programa de acção ou uma ideologia política. Evita ser o cantor da renovação nacional, apesar de solicitado para isso, escusando-se com ser poeta lírico e alegando que, por isso mesmo, o amor era o seu tema. Não simpatiza, contra o que no tempo se defendia em alguns círculos literários, com o culto da primitiva literatura romana, e, se no quarto livro das Odes Horácio parece escrever de acordo com a inspiração de Augusto, o seu dominante motivo é ainda a glória dos heróis e dos poetas. Por certo, com os anos, a sua admiração pelo imperador subiria de tom, mas nunca atingiria a plena compreensão que a obra de Virgílio revela do pensamento de Augusto.

Natureza poética, Horácio preferia conservar a liberdade de escolher os seus temas, por isso que tinha ideias próprias sobre a natureza da poesia. É o primeiro romano que sabemos ter estudado Píndaro e, por isso mesmo, o *os magna sonaturum* era olhado por Horácio como qualidade característica dos maiores poetas. Ele subscreve a «doutrina do sublime» defendida por alguns críticos gregos, para os quais o *ingenium* e a *mens diuinior* eram qualidades essenciais. Por isso mesmo, a sua Epístola aos Pisões, embora não seja uma *ars poetica* nem reflecta apenas o tratado grego de Filodemo, cujos fragmentos foram encontrados nas ruínas de Herculano, é, no entanto, influenciada pelos tratadistas helénicos, que assim dão a Horácio alguns tópicos que nem sempre representam os interesses imediatos do Poeta.

Usando livremente, como Virgílio, da matéria tradicional, Horácio utilizou-a em vários sentidos e, pelo menos nas Odes, transformou-a na sua própria matéria. Inimigo da poesia alexandrina, no que ela tinha de obscuridade sem capacidade de sugestão e de trivialidade conscientemente convencional, é preciso notar que Horácio apresenta manifesta influência de Calímaco, não só na feitura de algumas pequenas poesias, como na concepção da espécie de poesia que ele desejava escrever, aquela para que os fados lhe tinham dado *spiritum Gratae tenuem Camenae* e aquela que o levaria a apreciar os refinamentos da arte e a ficar *contentus paucis lectoribus*.

Por isso o autor se demora a anotar as qualidades da poesia lírica de Horácio, mais pelo lado negativo do que pelo positivo. A sua lírica é mais um produto da meditação do que da emoção imediata, e raramente sugestiva ou imaginativa. Poucas vezes as palavras sugerem algo mais do que permite o seu significado literal. As vezes, porém, os fenómenos da natureza aparecem como símbolos de episódios da vida humana. Nas Odes, a surpresa é um elemento de vigor, mas geralmente Horácio não toca na ideia central como uma tangente nem procura a poesia de efeito: o seu objectivo era dar a expressão mais viva aos seus pensamentos e sentimentos, por banais que fossem, e tudo o mais estava sujeito a este propósito. Escolhido o metro para o seu assunto, Horácio sabia bem explorar-lhe todas as possibilidades, e o autor exemplifica essa capacidade horaciana, demonstrando ainda o seu 'sentido da sonoridade da língua e dos efeitos da colocação das palavras. Daqui parte logicamente para a necessidade de Horácio ser traduzido apenas por quem estiver seguro de possuir o ouvido de um poeta e o sentido do ritmo da língua em que o traduz.

A parte final do trabalho de L. P. Wilkinson historia brevemente a influência literária de Horácio, mas atenta sobretudo em Petrarca e no seu individualista sentido da glória literária, em Montaigne e no gosto de escrever de si mesmo, nos Jesuítas e nas suas edições «cristianizadas» de Horácio, em Ronsard e no seu conceito helénico da vida, em Du Bellay e na sua *Défense*, e em várias alternativas de apreço, derivadas de diferentes vogas literárias.

O autor, no entanto, não se esquece de aludir à mais importante e mais intangível influência de Horácio, — a do seu espírito e sensibilidade

artística em muitos e vários poetas, através dos séculos. Também nós não queremos esquecer o valor que o seu livro adquire por reavivar criticamente, e por contraste de luzes, a figura do velho poeta latino. Com o valor e seriedade de contributos como estes, Horácio poderia repetir agora, mais convictamente, o que escreveu há perto de dois mil anos: *Non omnis moriar...*

F. COSTA MARQUES

A. Ernout — *Philologica*. Paris, Klincksieck, 1946; vi + 232 pp., 8°.

A Editorial Klincksieck, manancial de tantas obras de vulto respeitantes à antiguidade e editora da *Revue de philologie*, não podia inaugurar com mais brilho a sua recente colecção de «Études et Commentaires» do que com um livro de Alfred Ernout. Não me refiro a Ernout como membro do Instituto ou professor do Colégio de França, mas ao director da venerável *Revue de philologie*, cujo centenário coincide com a publicação dos *Philologica*. É de alguma maneira um volume festivo, que lembra o *Memorial* ocasionado pelo aniversário da *Revue des études latines* e que junta mais uma vez, no espírito do leitor entendido, os nomes dos dois !Mestres de quem a França e a filologia clássica se orgulham presentemente: Alfred Ernout e Jules Marouzeau.

Philologica é uma colectânea de dezasseis artigos e estudos que o autor publicou, entre 1921 e 1946, nos órgãos da especialidade (*Bulletin de la Société de Linguistique*, *Mémoires de la Société de Linguistique*, *Revue de philologie*) ou nos *Mélanges* oferecidos durante o último quarto de século a diversos filólogos (J. Vendryes, Ch. Bally, I. Rozwadowski, P. Thomas e M. Roques).

Desses dezasseis estudos, o único certamente inédito é o primeiro, e talvez o penúltimo, cuja proveniência não é indicada. Os respectivos títulos são: 1) «O vocabulário latino»; 2) «Os elementos etruscos do vocabulário latino»; 3) «*Adolere, abolere*»; 4) «*Allaiter et sevrer*»; 5) «*Augur, augustus*»; 6) «Os compostos latinos em -ce/2, *~cinium* e *~ciño (r)*»; 7) «O grupo *cerno-cresco*»; 8) «*Crúor-cruentus*»; 9) «*Domus, fores* e seus substitutos»; 10) «*Feraepécudes*»; 11) «*Illico-ilicet*»; 12) «*Senex* e as formações em *-k-* em latim»; 13) «Os nomes em *-ago, -igo, -Tigo* do latim»; 14) «Propércio, 1, ix, 9-12»; 15) «Infinitivo grego e gerúndio latino»; 16) «As palavras latinas em *-tus*».

Como se vê, a maioria destes artigos é consagrada ao elemento essencial de qualquer idioma, o vocabulário, estudado sob os seus dois aspectos diferentes: a história interna e as influências estrangeiras.

Na primeira categoria entram os capítulos dedicados a grupos como *adolère-abolère, cerno-cresco, illico-ilicet*, que demonstram que as associações de espírito são as únicas que contam para o sujeito falante, visto que